

UMA ANÁLISE DOS VERBOS PSICOLÓGICOS COM BASE NOS DADOS DE UM CORPUS: regularidade, variação e polissemia verbal

Amália Mendes

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)

1. Introdução

Os verbos psicológicos expressam uma experiência de natureza emocional, sendo assim também designados por verbos de emoção, e dividem-se, na literatura, em verbos com Experienciador sujeito, como o verbo *amar*, e verbos com Experienciador objecto, como *preocupar*. É normalmente assumido, nos numerosos estudos sobre esta classe, que os verbos de cada subtipo apresentam um comportamento perfeitamente homogéneo, embora os resultados apresentados sejam, na generalidade dos casos, baseados em poucos exemplos de um ou de ambos os subtipos referidos.

Os resultados aqui apresentados baseiam-se no estudo de um conjunto de 221 verbos psicológicos com objecto directo Experienciador, do tipo de *preocupar*, tendo sido analisados contextos de usos reais destes verbos, extraídos de um *corpus* de língua portuguesa. A análise do comportamento sintáctico de uma amostragem vasta, que nos parece ser de facto representativa desta classe verbal, bem como o recurso a dados reais da língua, levam a um maior conhecimento da regularidade sintáctica existente no interior desta classe verbal e do grau de variação entre os seus elementos. Para além de permitir obter um conhecimento mais aprofundado desta classe verbal específica, este tipo de estudo levanta ainda questões que se prendem com a própria existência de classes verbais, estabelecidas sintáctica ou semanticamente, quando confrontadas com a variação encontrada na língua. Os dados analisados foram extraídos de um *corpus* escrito de língua portuguesa com 12 milhões de palavras¹,

¹ A constituição do corpus é a seguinte: jornais (57%), revistas (12%), obras literárias (19%), manuais técnico-didácticos (8%), Acórdãos do Supremo Tribunal de Justiça (1%) e *Diário da Assembleia da República* (3%).

desenhado a partir de um *corpus* de mais de 150 milhões: o *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

A análise das ocorrências destes verbos no *corpus* coloca três questões centrais:

- a) em que medida existe variação sintáctica e semântica interna ao conjunto dos verbos intrinsecamente psicológicos, isto é, verbos que apenas têm sentido psicológico² e em que medida os dados de frequência do *corpus* apontam para uma importância significativa dessa variação;
- b) tendo em conta esses mesmos dados de frequência, será possível definir o protótipo de verbo psicológico e o grau de afastamento existente na classe relativamente a esse protótipo? Poder-se-á inclusivamente falar de uma classe de verbos psicológicos?
- c) os verbos que apresentam sentidos não psicológicos partilham ou não as propriedades prototípicas dos verbos intrinsecamente psicológicos?

O ponto 2 deste artigo trata das questões (a) e (b), apresentando alguns exemplos de propriedades regulares e de variação (para uma análise detalhada desta classe verbal ver (MENDES, 2001)), e o ponto 3 trata da questão (c), isto é, da problemática da polissemia na classe verbal em estudo.

2. Propriedades dos verbos intrinsecamente psicológicos

Em primeiro lugar, iremos analisar o grau de partilha de propriedades entre os verbos intrinsecamente psicológicos, no ponto 2.1., centrando-nos em duas construções sintácticas, para observar de seguida o grau de variação no interior da classe, no ponto 2.2., sistematizando estes dados em 2.3., em torno da questão da prototipicidade.

2.1. Construção transitiva e construção anticausativa

Os verbos intrinsecamente psicológicos analisados aceitam todos eles a construção transitiva com Experienciador Objecto Directo (3 verbos, *agradar*,

² Optamos por utilizar, por enquanto, o termo *sentido* e não o termo *significado*, para evitar tomar, desde já, opções relativamente a tratar-se de casos de monosemia, polissemia ou homonímia. Os dados apresentados ao longo do artigo irão levar-nos a apresentar essas opções nos pontos 3.1 a 3.3.

desagradar e aprazer, constróem-se com Objecto Indirecto). O sujeito lexicaliza o evento ou entidade causadores da mudança de estado psicológico, podendo a posição ser preenchida por um sintagma nominal (SN) em (1a), uma oração infinitiva em (1b) ou uma oração completiva em (1c) (ou ainda um sintagma nominal do tipo de *o facto de*):

- (1) a. “Teresa sorriu, mais humana: (...) Assusta-me a vida de casada.” (L116)³
 b. “Para mim, *ver o quanto éramos jovens* foi o que realmente me assustou.” (JC14055)
 c. “Não o preocupava *que a aventura tivesse representado a hipoteca da courela* (...)” (L0023)

No entanto, o sujeito Causador é frequentemente subespecificado relativamente à natureza precisa do evento ou propriedade que causa a mudança de estado psicológico, como evidenciado em (2), em que a não especificação do sujeito desencadeia uma pergunta por parte do interlocutor:

- (2) “– A Clara preocupa-me. – Porquê? Porque anda com pequenos do seu meio?” (L0522)

A especificação da natureza da entidade sujeito através de um sintagma preposicional introduzido pela preposição *com* (SP(*com*)) é extremamente frequente no *corpus*, podendo o SP estar em posição pós-verbal, como em (3), ou numa posição interna ao SN sujeito, como em (4):

- (3) “Teresa, amimada e voluntariosa, fascinava-o *com as suas declarações de independência, os seus paradoxos, as suas ideias extravagantes.*” (L0116)
 (4) Aquele filme *com tantas cenas de terror* angustiava a Ana.

O SP especificador da causa pode igualmente ocorrer enquanto núcleo do SN, como em (5), numa alternância que Levin designa por *possessor subject* (LEVIN, 1993):

- (5) *As cenas de terror do filme* angustiavam a Ana.

O sintagma especificador pode ainda ser promovido a sujeito, ocorrendo o sintagma Causador enquanto SP introduzido pela preposição *em*, como em (6a); (6b) mostra o contraste com a construção transitiva com Causador sujeito:

³ Os exemplos do corpus trazem um código, que permite identificar o texto de onde foram extraídos.

- (6) a. “E é esse jogo entre o parolo e o cosmopolitismo que nos fascinou *no Variações* e que nos fez dizer sim ao projecto.” (j14800)
 b. O *Variações* fascinou-nos *com o seu jogo entre o parolo e o cosmopolitismo*.

Todos os verbos intrinsecamente psicológicos analisados aceitam ainda a construção anticausativa pronominal (ou construção com SE ergativo) em (7), em que o Experienciador é promovido para a posição sujeito e a Causa da mudança de estado é lexicalizada como SP pós-verbal:

- (7) a. “Começava a preocupar-se *com aquela demora (...)*.” (L0234)
 b. “Ainda estudante, desceu um dia em Lisboa e impressionou-se *com a nossa Baixa, o puro pombalino*.” (R1765)

As construções transitiva e anticausativa expressam ambas um evento e um estado resultativo, mas enquanto a transitiva realça a causatividade e, portanto, o evento sujeito Causador, a anticausativa realça o estado resultativo. O sujeito da transitiva e o SP(*com*) da anticausativa expressam simultaneamente a Causa da mudança de estado psicológico e o Objecto da Emoção do Experienciador, sendo que o realce de uma ou outra destas componentes de sentido depende da informação semântica associada a cada construção sintáctica. Também concorre para o maior ou menor realce da componente de sentido Causa do papel semântico a natureza aspectual de cada verbo psicológico: assim, a natureza menos pontual do verbo *preocupar*, relativamente a *assustar*, faz com que o seu sujeito veja realçada a componente Objecto da Emoção sobre a componente Causa. O sujeito da transitiva e o SP da anticausativa recebem assim um papel semântico complexo, em que interagem a construção sintáctica e as propriedades aspectuais do predicado verbal. A complexidade semântica do sujeito dos verbos psicológicos é evidenciada por verbos como *envergonhar*, que podem realizar as componentes de sentido Causa e Objecto da Emoção de forma independente, como em (8a), ou aglutinada na posição sujeito, como em (8b):

- (8) a. *A reacção dele* (Causa) envergonhou-me *da minha insensibilidade* (Objecto da emoção).
 b. *O vestido antiquado da mãe* (Causa + Objecto da emoção) envergonhou o jovem advogado.

2.2. *Variação na classe dos verbos psicológicos*

Embora os verbos psicológicos apresentem uma grande homogeneidade relativamente à aceitação da construção transitiva e anticausativa, existem subconjuntos de verbos com propriedades específicas, que iremos exemplificar com a construção anticausativa. Para determinar quais as construções sintác-

ticas aceites pelos predicados verbais, foram considerados os dados do *corpus*, complementados por informação dicionarística, uma vez que a não ocorrência no *corpus* não é sinónimo de agramaticalidade. No entanto, embora o *corpus* não forneça informação inequívoca relativamente à gramaticalidade ou não das construções sintáticas, fornece, sim, informação extremamente valiosa quanto às preferências sintáticas e lexicais dos verbos, evidenciadas por padrões recorrentes nos contextos analisados e que podem ser expressos em termos de frequências.

Uma das variações encontradas diz respeito à construção anticausativa, que, com um conjunto reduzido de 6 verbos, pode ser não só pronominal, como não pronominal, como exemplificado com o verbo *entristecer* nas frases (9):

- (9) a. “Mas juro-vos que me encantam as pequenas felicidades de alguns e me entristeço com as desgraças de todos (...)” (L0241)
b. “Dora entristecera, ensimesmada durante todo o diálogo dos dois (...)” (L0062)

Outro aspecto, ainda, prende-se, não com uma variação na construção sintática, mas sim com a interpretação do SP(*com*) da anticausativa. Com um conjunto de cerca de 9 verbos psicológicos, o SN interno ao SP da anticausativa é lexicalmente preenchido por substantivos de tipo humano, sendo interpretado não como Causador/Objecto da Emoção, mas sim como Alvo da emoção, como exemplificado com o verbo *zangar* em (10):

- (10) Mas, ou por isso ou por outras, tempos depois a senhora Rita zangara-se com a Adélia e pusera-a à porta de casa.” (L0020)

Por outro lado, no caso de verbos como *chatear* e *alegrar*, o SP da construção anticausativa pode ser introduzido pela preposição *de*, como em (11):

- (11) “Depois, segundo afirmava, chateou-se daquela obrigação de andar em digressões, de Abril a Outubro, pelas arenas da província; (...)” (L0474)

Contrariamente ao SP(*com*), o SP(*de*) não apresenta uma interpretação complexa envolvendo as componentes Causa e Objecto da Emoção, sendo apenas esta última a interpretação disponível, o que associa a preposição *com* à causatividade.

As variações até aqui referidas não se afastam muito das propriedades referidas na secção anterior: mantêm-se as construções transitiva e anticausativa, havendo variação na forma pronominal do predicado e no SP pós-verbal.

No conjunto destes verbos, que considerámos intrinsecamente psicológicos, cerca de metade aceita a interpretação agentiva do sujeito, como em (12), ou a interpretação causativa, como em (13), enquanto a outra metade apenas aceita a interpretação causativa.

- (12) “(...) um morto é uma pessoa séria, ponderada, (...) e (...) se lhe dá para querer assustar alguém (...)” (L521)
- (13) “O sr. Augusto escuta com respeito este filho franzino, que lê muito, fala de coisas e loisas, e já em pequenino o assustou com a rapidez com que aprendeu a falar.” (L511)

Os verbos *humilhar* e *lisonjear* apresentam uma propriedade, inicialmente apontada por Ruwet (RUWET, 1994), que os diferencia dos restantes psicológicos: a possibilidade de existência ou não de estado resultativo psicológico. Os dois verbos em (14) apresentam a possibilidade de dissociação entre a acção causadora e o estado resultativo:

- (14) O Rui humilhou-me/lisonjeou-me diante dos meus amigos mas eu não me senti humilhado/lisonjeado.

Ruwet levanta a questão de saber se tal propriedade é partilhada pelo conjunto dos verbos psicológicos, questão essa a que podemos responder negativamente, uma vez que apenas *humilhar*, *lisonjear*, *ridicularizar* e *achincalhar* admitem tal interpretação, em claro contraste com os restantes verbos psicológicos, como exemplificado em (15) pelo verbo *preocupar*:

- (15) * A notícia da queda de um avião preocupou-me mas eu não fiquei preocupado.

A possibilidade de não ocorrência do estado resultativo psicológico prende-se, aliás, com a forte agentividade dos verbos do tipo de *humilhar*, que permite uma preponderância da acção exercida sobre o estado que dela resulta.

2.3. Protótipo de verbo psicológico e graus de afastamento

Os aspectos referidos em 2.1. e 2.2. estão sistematizados na Figura 1, abaixo, em que o quadrado central identifica as propriedades prototípicas e os verbos que as aceitam e as setas apontam para subconjuntos de verbos com propriedades divergentes. As informações de frequência fornecidas pelos dados do *corpus* permitem identificar as propriedades partilhadas por todos os verbos e a frequência mais ou menos alta com que ocorrem com cada item lexical. Estas são consideradas propriedades prototípicas desta classe verbal com base na partilha pelos membros da classe e permitem portanto identificar

o protótipo de verbo psicológico.⁴ Os subconjuntos de verbos em quadros isolados apresentam graus mais ou menos elevados de afastamento relativamente ao protótipo estabelecido.

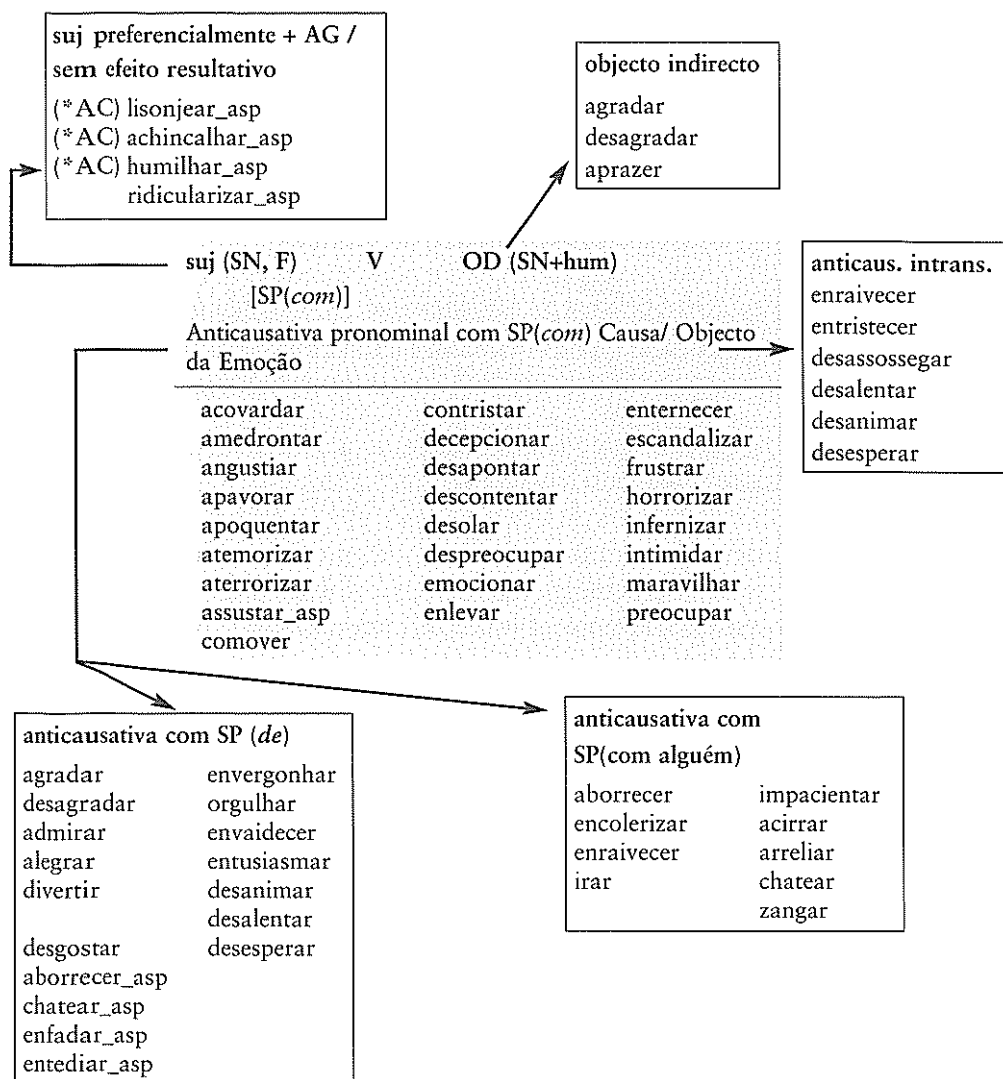


Figura 1: Tipologia dos verbos psicológicos

⁴ Foi referido, embora brevemente, que alguns verbos apresentavam uma interpretação aspectual mais pontual do que outros, o que leva a uma diferença de interpretação do sujeito da construção transitiva (e do SP da anticausativa). O protótipo de verbo psicológico apresenta, portanto, as propriedades identificadas na parte central da Figura 1, com uma pequena variação aspectual que pode ser representada pelo contraste entre os verbos *assustar* e *preocupar*.

Os verbos com comportamento prototípico dividem-se, como foi referido no ponto 2.2., quanto à possibilidade de aceitarem sujeito agentivo, o que nos levou a não tomar inicialmente qualquer opção quanto à natureza prototípica ou não da agentividade do sujeito. Tomando em consideração, no entanto, o facto de os verbos mais fortemente agentivos, como *humilhar* e *lisonjear*, se afastarem desse protótipo e o facto de o sujeito dos psicológicos ser muito frequente de tipo evento, somos levados a considerar como propriedade prototípica dos verbos psicológicos a selecção de um sujeito não agentivo, e sim causador.

3. Propriedades dos verbos com pluralidade de sentidos

Um conjunto grande de verbos psicológicos caracteriza-se por ter uma interpretação não psicológica, como exemplificado com o verbo *devorar*, que apresenta sentido não psicológico em (16) e sentido psicológico em (17):

(16) “(...) como é o caso dos predadores que devoram a presa (...)” (L368)

(17) “Devora-nos uma impaciência insuportável (...)” (L16)

Pretende-se neste ponto comparar o comportamento sintáctico-semântico dos verbos com sentido psicológico e não psicológico com o protótipo de verbo psicológico estabelecido no ponto 2.3. Interessa-nos responder a várias questões que se prendem com:

- a) a partilha ou não das propriedades psicológicas prototípicas pelo sentido psicológico e pelo sentido não psicológico dos predicados verbais do tipo de *devorar*;
- b) a interacção entre sintaxe e semântica em predicados verbais polissémicos;
- c) a organização dos sentidos dos predicados verbais encontrados em torno de um paradigma polissémico ou homonímico;
- d) padrões de polissemia regular no léxico.

3.1. Efeito psicológico e/ou físico

Um conjunto alargado de verbos com sentido psicológico caracteriza-se sintacticamente por aceitar, na sua maioria, as características prototípicas apresentadas em 2.3. Estes verbos são exemplificados em (18) e (19) pelos verbos *afoguesear* e *nausear*:

(18) “Este piedoso alvoroço *afogueou-lhe* as faces pálidas (...)” (L0245)

(19) “Tudo a horrorizava, tudo a *nauseava*. Sentada na grande varanda, defronte das montanhas cujo panorama outrora tanto a embevecera, tinha calafrios de medo (...)”. (L0731)

Estes verbos caracterizam-se ainda por apresentarem uma distinção muito fina entre um sentido psicológico e um sentido físico, que, em muitos contextos, é impossível destrinçar: por exemplo, um dos sentidos de *afoguesear* é referente a uma reacção física que resulta por sua vez de uma reacção psicológica, enquanto o verbo *nausear* significa, na grande maioria dos contextos do *corpus*, um mal estar simultaneamente físico e psicológico. O comportamento sintáctico prototipicamente psicológico, a par com um sentido psicológico que não se individualiza de forma clara, leva-nos a considerar estes casos como duas variantes de um significado, podendo o contexto individualizar ou não um dos sentidos. O conceito de *alossema* apresentado por Deane (DEANE, 1988) adequa-se a este tipo de relações entre sentidos verbais, sendo aplicado a variantes não individualizadas de um mesmo significado. Este conjunto de predicados verbais evidencia de forma muito clara uma questão que perpassa ao longo de todo o estudo sobre esta classe, a da forte relação existente entre efeito psicológico e físico.

3.2. Subespecificação

Outros verbos, como *acalmar*, *fortalecer*, *abrandar*, não se referem a uma mudança de estado mas sim a uma gradação de um estado, que pode ser de natureza psicológica. Estes predicados caracterizam-se por aceitar as propriedades prototípicas assinaladas em 2.3., mas divergem aspectualmente do protótipo de verbo psicológico. Enquanto este se caracteriza pela partilha de propriedades de dois tipos aspectuais, *achievements* e *accomplishments*, e por ter ainda propriedades aspectuais específicas (para uma análise aspectual destes predicados, ver (MENDES, 2001)), os verbos do tipo de *acalmar* comportam-se aspectualmente como *accomplishments*. Estes predicados são todos de tipo *deadjektiv* e admitem uma grande variação de entidades lexicais no preenchimento da posição de objecto directo (OD), como exemplificado em (20) com algumas das ocorrências de *acalmar* atestadas no *corpus*:

(20) *acalmar* uma pessoa, *acalmar* o trânsito, *acalmar* a Bolsa, *acalmar* as ondas

O significado destes verbos expressa a gradação de um estado e a natureza desse estado depende das propriedades semânticas do OD, pelo que o verbo não lexicaliza ele próprio nenhum estado específico. A importância do contexto para a definição do significado desses verbos/adjectivos leva a propostas como a da polissemia externa (Martin, 1979) ou *selective binding* (Pustejovsky, 1995). A pluralidade de sentidos em contexto destes predicados decorre da subespecificação do seu significado: não é possível identificar uma lista finita dos seus significados, mas sim um único significado subespecificado e actualizado em contexto.

3.3. *Polissemia regular*

Outro grande conjunto de predicados com sentido psicológico caracteriza-se, contrariamente aos verbos apresentados em 3.1. e 3.2., por ter propriedades sintácticas que se afastam, em maior ou menor grau, do protótipo de predicado psicológico, sendo o afastamento mais evidente nos sentidos não psicológicos destes verbos. Caracteriza-se, ainda, contrariamente ao tipo de verbos ilustrados por *acalmar*, por restringir as possibilidades de preenchimento lexical da posição de objecto directo e por apresentar, por conseguinte, uma maior restrição sobre as possíveis interpretações do verbo. Estes são predicados do tipo de *devorar*, exemplificado nas frases (16) e (17) acima.

Iremos centrar a nossa análise comparativa do comportamento sintáctico destes verbos nos seus sentidos psicológico e não psicológico numa única propriedade: a da possibilidade de ocorrência da construção anticausativa, na forma pronominal ou não.

Da análise destes predicados sobressai o facto de as propriedades sintácticas da construção anticausativa no sentido não psicológico serem partilhadas pelo sentido psicológico. Assim, se o verbo aceita no sentido não psicológico a anticausativa pronominal ou não pronominal, como no caso do verbo *abater* em (21), as mesmas possibilidades são realizadas no sentido psicológico deste verbo em (22):

- (21) a. “Mas pouco durou a operação, pois com o lume e a água o telhado abateu com enorme estrondo.” (L69)
 b. “O telhado abate-se numa breve reentrância com os bicos voltados para o céu. (L273)
- (22) a. “Olhou o cariz do céu: – Não está seguro. Os ânimos abateram.” (L222)
 b. “Sofrendo com o sofrimento da filha, recuando perante a ameaça da morte da esposa, a sua alma sangrava e abatia-se. (L821)

O verbo *aquecer* aceita apenas a construção anticausativa não pronominal no seu sentido não psicológico, como exemplificado em (23a), assumindo o sentido psicológico a mesma restrição, em (23b):

- (23) a. A sopa aqueceu. / * A sopa aqueceu-se.
 b. Os ânimos aqueceram. / * Os ânimos aqueceram-se.

Outros verbos, ainda, recusam a construção anticausativa no sentido não psicológico, quer na forma pronominal, quer na forma não pronominal, como em (24a), mantendo-se a mesma restrição no sentido psicológico, em (24b):

- (24) a. * O prédio demoliu-se. / * O prédio demoliu.
 b. * Ao ouvirem a notícia, os colegas demoliram-se / * os colegas demoliram.

As propriedades sintáticas do sentido psicológico destes predicados verbais está assim directamente dependente das propriedades sintáticas do sentido não psicológico.

Existem, no entanto, algumas – na verdade, poucas – excepções a este comportamento regular do subconjunto de verbos em análise. São casos em que o sentido psicológico não segue o padrão sintáctico do sentido não psicológico. Assim, embora o verbo *ralar* não aceite construção anticausativa pronominal no sentido não psicológico como em (25a), tal construção é gramatical no sentido psicológico do verbo em (25b):

- (25) a. * O queijo ralava-se.
- b. O João ralava-se muito com a saúde dos filhos.

O Quadro seguinte sistematiza os vários tipos de relações entre as propriedades da anticausativa no sentido não psicológico e psicológico. O tipo 1 corresponde a verbos como *magnetizar* e *electrizar*, que aceitam a construção anticausativa pronominal em ambos os sentidos, estando de acordo com o protótipo psicológico. O tipo 2 mostra casos de verbos que apresentam divergências relativamente a esse protótipo (anticausativa não pronominal ou ausência de anticausativa) no sentido não psicológico e que mantêm as mesmas características no sentido psicológico, como o verbo *abater*, acima exemplificado. Pelo contrário, os verbos do tipo 3 apresentam uma ruptura relativamente a esse padrão, como o verbo *ralar*, sendo a anticausativa pronominal possível no sentido psicológico, mesmo quando não é aceite pelo sentido não psicológico. Uma análise destes predicados aponta para uma propriedade comum: a alta frequência do sentido psicológico no *corpus*, sendo inclusivamente este o sentido mais frequente com verbos como *ralar*, *empolgar*, *deprimir* ou *inflamar*.

sentido não psicológico	sentido psicológico
1 AC pron.	AC pron. (<i>magnetizar</i> , <i>electrizar</i>)
2a AC pron. ou não pron.	AC pron. ou não pron. (<i>abater</i>)
2b AC não pron. (-ecer)	AC não pron. (<i>aquecer</i>)
2c *AC	*AC (<i>derrubar</i>)
3a AC não pron.	AC pron. (<i>inflamar</i>)
3b *AC	AC pron. (<i>empolgar</i> , <i>ralar</i> , <i>deprimir</i>)

Quadro 1: Relações entre construção anticausativa nos sentidos não psicológico e psicológico

O padrão aqui revelado mostra que o alto uso do sentido psicológico se sobrepõe ao padrão regular de semelhança entre propriedades dos dois sentidos destes verbos, levando a que o sentido psicológico passe a assumir o protótipo sintáctico dos verbos intrinsecamente psicológicos – nomeadamente a aceitação da construção anticausativa pronominal. As informações de frequência, e portanto de uso, destes verbos são assim determinantes para as propriedades sintácticas dos predicados verbais com pluralidade de sentidos, por um lado, e por outro, ressalta deste padrão a associação existente entre o significado associado a uma classe verbal e o seu comportamento sintáctico.

Para além da importância dos dados de frequência para o entendimento das aparentes idiossincrasias do léxico, é de realçar a óbvia relação sintáctica existente entre os sentidos verbais no conjunto de predicados estudados neste ponto. Esta relação, que é claramente direccionada, leva-nos a considerar estes verbos como polissémicos, tendo dois significados relacionados, em que as propriedades sintácticas de um (não psicológico) determinam – a par com a frequência – as propriedades sintácticas de outro (psicológico).

Os significados destes predicados estão relacionados em termos sintácticos, como evidenciado acima, mas também em termos semânticos. Os verbos que aceitam sentido psicológico têm origem em campos semânticos regulares, que se definem por determinados elementos de sentido, que exemplificamos de seguida:

- (i) contacto (*tocar, marcar, atingir, arrebatat, agarrar, empolgar*)
- (26) “(...) o subcomandante Marcos arrebatou os “fiéis” com um discurso (...)” (J18065)
- (ii) contacto + agressão (*agredir, torturar, massacrar, dilacerar, bater, matar*)
- (iii) contacto + desgaste (*devorar, minar, corroer, desgastar, ralar, moer*)
- (27) “Devora-nos uma impaciência insuportável (...)” (L0016)
- (iv) energia (*electrizar, electrificar*)
- (28) (...) reaparece Elvira para a grande cena da sua demência (...), electrizando com a sua espantosa técnica vocal (...). (J17341)

Assim, estes predicados caracterizam-se por:

- a) terem propriedades mais afastadas do protótipo psicológico devido à influência do significado não psicológico;
- b) manifestarem uma influência sintáctica clara do significado não psicológico sobre o psicológico – apenas anulada quando o significado psicológico se sobrepõe em termos de uso (informação de frequência);
- c) não lexicalizarem o estado psicológico resultante, sendo portanto o contexto um factor determinante para que o sentido psicológico possa ocorrer, nomeadamente através do preenchimento da posição de objecto directo através de um substantivo psicológico (emoções) ou de tipo metonímico (parte do corpo);

- d) evidenciarem uma grande regularidade nos campos semânticos a que pertencem os verbos que admitem significado psicológico, estando portanto em jogo processos de tipo analógico, em que determinados elementos de sentido permitem a associação com o espaço psicológico.

Este conjunto de propriedades leva-nos a considerar o significado não psicológico como o significado de base do verbo, a partir do qual, e com base em relações de tipo metafórico, existe uma extensão de sentido para o espaço psicológico. Esta extensão é assumida igualmente nos casos em que o significado derivado (psicológico) é o mais proeminente e frequente no *corpus*, como no caso dos verbos *deprimir* e *ralar*, em que a frequência do significado derivado anula a subordinação sintáctica ao significado de base.

A natureza metafórica destas passagens semânticas e o conjunto de campos semânticos envolvidos permitem caracterizar estes casos como casos de polissemia regular no léxico, portanto predizíveis na maioria dos campos semânticos envolvidos. Aliás, ao longo da nossa análise dos dados do *corpus* incluímos um número crescente de verbos dos campos semânticos estudados como aceitando uma interpretação psicológica, ou como sendo aceites pelos falantes, quando inquiridos, como verbos com significado psicológico, num processo regular de extensão de sentido.

4. Conclusão

O estudo de uma larga amostragem de predicados verbais psicológicos com base em contextos extraídos de um *corpus* de língua portuguesa permitiu-nos observar esta classe verbal do ponto de vista da sua variação interna e contribuir para estabelecer as propriedades que são partilhadas pelos membros da classe e que são, portanto, prototípicas desta classe e as propriedades em que se regista maior variação nos contextos observados. Esta análise realça a homogeneidade de comportamento dos verbos intrinsecamente psicológicos, que contrastam com os verbos com pluralidade de sentidos, mas também evidencia subclasses com especificidades sintácticas e semânticas.

A informação de frequência fornecida pela análise do *corpus* realçou a influência que o significado verbal (e o seu uso) exerce sobre as propriedades sintácticas do predicado verbal, numa clara interacção entre sintaxe e semântica.

Embora um conjunto extenso de verbos com interpretação psicológica apresente pluralidade de sentidos, uma análise comparativa com o protótipo de verbo psicológico que os contextos e os dados de frequência permitiram

estabelecer mostrou que essa pluralidade semântica corresponde nuns casos a variantes alossémicas de um único significado, noutros a predicados verbais subespecificados e noutros, ainda, a casos de polissemia regular, sem no entanto ter sido observada a existência de significados não relacionados e, portanto, de predicados homónimos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLETTI, A. & Rizzi, L., 1988 – “Psych-verbs and theta-theory” in *Natural Language and Linguistic Theory*, 6:3, pp. 291- 352.
- BYBEE, J. & Hopper, P. (eds.), 2001 – *Frequency and the emergence of linguistic structure*, Amsterdam, John Benjamins.
- COPESTAKE, A. & Briscoe, T., 1995 – “Semi-productive polysemy and sense extension” in *Journal of Semantics, Lexical Semantics*, 12:1, pp.15-68.
- DEANE, P. D., 1988 – “Polysemy and cognition”, *Lingua*, 75, pp. 325-361.
- LAKOFF, G. & Johnson, M., 1980 – *Metaphors We Live By*, Chicago, Chicago University Press.
- LEHRER, A., 1978 – “Structures of the lexicon and transfer of meaning” in *Lingua*, 45, pp. 95-123.
- LEHRER, A., 1990 – “Polysemy, conventionality and the structure of the lexicon” in *Cognitive Linguistics*, 1, pp. 207-246.
- MENDES, M. A., 1994 – *Análise Sintáctica dos Verbos Psicológicos do Português*, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MENDES, A., 1999 – “Analyse aspectuelle et structure lexicale-conceptuelle des verbes psychologiques” in *VERBUM*, XXI:1, *Transitivité et Langues Romanes, de l’Objet Direct à l’Objet Indirect*, pp. 25-36.
- MENDES, M. A., 2001 – *Propriedades Sintáticas e Semânticas de Predicados Verbais com Pluralidade de Sentidos: o caso dos verbos psicológicos*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PUSTEJOVSKY, J. & Boguraev, B. (eds.), 1996 – *Lexical Semantics: the Problem of Polysemy*, Oxford, Oxford University Press.
- RUWET, N., 1972 – “A propos d’une classe de verbes «psychologiques»”, *Théorie Syntaxique et Syntaxe du Français*, Paris, Seuil, pp. 181-251.
- RUWET, N., 1994 – “Être ou ne pas être un verbe de sentiment” in *Langue Française*, 103, pp. 45-55.
- VAN DEEMTER, k. & Peters, S., 1996 – *Semantic Ambiguity and Underspecification*, Stanford, CSLI Publications.
- VAN VOORST, J., 1992 – “The aspectual semantics of psychological verbs” in *Linguistics and Philosophy*, 15, pp. 65-92.
- WILLEMS, D., 1984-85 – “Sur la structure sémantique du lexique verbal” in *Linguistica Antuerpiensia*, XVIII-XIX, Antuérpia, Universiteit Antwerpen, Rijkuniversitair Centrum Antwerpen, pp. 163-182.